

---

## Reencontros com a religiosidade brasileira: sujeitos, memórias e narrativas

Cairo Mohamad Ibrahim Katrib\*

---

**Resumo.** O presente texto foi construído com base nas discussões propiciadas por meio do 4º Encontro do GT História das Religiões e das Religiosidades: memórias e narrativas, na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do sul, na mesa de discussão - memórias e narrativas: Religiosidades populares e objetivou refletir sobre a recriação dos sentidos e significados das práticas da religiosidade popular, em especial apresentando como essas manifestações se concretizam nas comunidades e grupos sociais no interior do Brasil, mais especificamente, no sudeste de Goiás e em alguns municípios de Minas Gerais movimentando histórias de vida e reelaborando a identidade cultural desses atores sociais.

**Palavras-chave:** sujeitos, memórias, narrativas

**News meetings with the Brazilian religiosity: subjects, memories, narratives**

**Abstract.** This text was constructed based on the discussions offered through the 4th Meeting of the WG History of Religions and Religiosities: memories and narratives, in São Leopoldo, Rio Grande do Sul, in the discussion table memories and narratives: Religiosities popular and aimed to carry out dialogue on recreating the meanings of popular religious practices that are a fundamental part of our culture, especially showing how these events are realized in communities and social groups in the interior of Brazil, more specifically, in the southeast of Goiás and in some municipalities of Minas Gerais.

**Keywords:** subjects, memories, narratives

---

## Ressignificando o olhar sobre a religiosidade brasileira

[...] O olhar do homem no tempo e através do tempo  
traz em si a marca da historicidade.

São os homens que constroem sua visão e  
representação das diferentes temporalidades e  
acontecimentos que marcaram sua história.

[...]O tempo, todavia, projeta utopias e  
desenha com as cores do presente,  
tonalizadas pelas cores do passado,

---

\* Universidade Federal de Uberlândia/Faculdade de Ciências Integradas do Pontal. Docente do Curso de História, da Universidade Federal de Uberlândia/ Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Tutor do grupo de Educação Tutorial Pet (Re) conectando saberes-MEC/Sesu/Secadi, vice-coordenador do Laboratório de Cultura popular e vídeo Documentário-DOCPOP-UFU/INHIS e coordenador do POEMIS: Centro de estudos e pesquisas em cultura popular, Educação, Migrações-FACIP/UFU. Endereço eletrônico: [cairo@pontal.ufu.br](mailto:cairo@pontal.ufu.br)

---

as possibilidades do futuro almejado.  
(DELGADO, 2006, p. 33-34)

A religiosidade popular faz parte do nosso cotidiano. Ela se reinventa por meio da recriação dos sentidos e significados que cada sujeito ou grupo social atribui a ela. Um desses significados é o festivo. Nessa lógica, ela não designa, meramente, padrões ou parâmetros classificatórios das práticas e manifestações no âmbito da religião ou da religiosidade popular, como se as formas de expressão do sagrado das camadas populares estivessem abaixo de uma religião dominante, como bem alerta Abreu (2002, p. 85). Ao Experimentá-la cada um constrói suas possibilidades de reencontro com a fé e com a devoção fortalecendo os vínculos e as marcas culturais estreitando, assim, a intimidade com o divino, com o sobrenatural e com seu próprio grupo social.

As diversas práticas da religiosidade popular se relidas levando em consideração a sua historicidade e as relações reconstruídas a cada reencontro com as manifestações religiosas propiciam-nos desatar alguns nós que nos permitem entender o mosaico cultural e religioso brasileiro. Além do que abrem, ainda, possibilidades de reflexão sobre o vivido e sobre os costumes herdados, balizando as teias que robustecem a reelaboração das expressões religiosas nas suas mais diversificadas formas de experimentação e materialização cotidiana.

Toda manifestação da religiosidade contribui para o fortalecimento e para o efetivar de constantes transformações dos laços de pertencimento de um dado grupo social. E como bem destaca Hall (1996, p.69), toda identidade é construída a partir de uma correlação com as práticas culturais. As identidades são, então, culturais, assim:

Identidade Cultural não possui “uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto. [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento. ( HALL, 1996, p. 70).

Estando a religiosidade embebida num constante processo de ressignificação, as muitas formas de experimentação que a envolvem faz-nos perceber que ela não segue um padrão rígido de concretização, pois ela, sim, se adapta e se molda aquilo as necessidades e vontades que cada ator social elege como significativa no contexto de suas experiências religiosas. Nessa ótica cabe-nos aqui perguntar: quem nunca

---

participou de uma novena em comemoração a algum santo padroeiro ou recorreu a uma simpatia, benção ou apelou para o uso de um patuá ou amuleto para espantar mal olhado, fechar o corpo ou, até mesmo tenha buscado estreitar seus vínculos com a sua fé de outras formas? Quem nunca utilizou do uso das plantas por meio de um chá ou outro preparado na tentativa de sanar problemas de saúde ou curar enfermidades? Enfim, quem nunca recorreu ao poder da fé nos momentos de aflição pessoal?

Todas as expressões devocionais são envoltas de sentimentos e embaladas por forte caráter lúdico e teatral. São repletas de simbologias e mistérios de difícil decifração aos olhos de quem observa de fora ou as veem como mera encenação de um passado desconexo com a realidade de quem as pratica cotidianamente. Viver a religiosidade e poder reatualizá-la realimentando os modos de vida, a relação com o outro e com a própria fé. É poder exercitar o que Perez (2002) chama de uma religiosidade profunda e, ao mesmo tempo, festiva, carnal e de foro íntimo, vivida e praticada sobre a proteção de vários deuses, celebrada ao som de vivas, muita alegria e também de grande carga introspectiva.

Levando em consideração toda essa arquitetura de sentidos, as comemorações da religiosidade brasileira atribuem aos lugares de fé e de festa, como bem nos apresenta Perez (2002) dinâmicas próprias efetivadas de maneiras distintas levando em consideração a relação de proximidade tecida entre o festar e o rezar. Por meio da festa os sujeitos intensificam seus vínculos com o mundo espiritual, utilizando de práticas rituais como forma de agradecimento e de pedir proteção expressas em gestos, ladainhas, benções que extrapolam o universo religioso seja ele católico ou de qualquer outra natureza, mas que não deixa de ser marca da cultura daqueles que a praticam e de reforçar, ainda, os laços com a vizinhança e com o lugar irrompendo o cotidiano e de desligando, temporariamente, do cenário de dificuldades diárias enfrentadas.

Assim, a festa se instaura, justamente num ambiente de *des-ordem* (PEREZ, 2002, p. 31), porém, não provoca a dispersão dessas formas de expressão religiosas, pelo contrário, intensifica ainda mais a tessitura que envolve o rezar e o festar. Os que exercitam o experimentar da fé e da festa tem esse momento como de efusão da sua espiritualidade pessoal ou coletiva imprimindo a ela sentidos múltiplos.

A religiosidade popular, inserida nesse contexto pode ser relida para além de um acontecimento demarcatório que, temporariamente media o encontro dos sujeitos

---

consigo mesmo e com sua devoção. Ela é diversa, plural, miscigenada formando um mosaico multifacetado de sentidos cujas representações amalgamam-se e não anulam uma ou outra forma de reverenciar o divino; “elas coexistem com apelos à sensibilidade do praticante que deseja aproximar-se do sagrado” (GOMES; PEREIRA, 2002, p.66). Ela se refaz a cada dia inserida numa “lógica de compreensão de mundo que orienta os devotos e os mobiliza para organizarem a sociedade”( GOMES; PEREIRA, 2002, p.63).

Outro aspecto interessante desse movimento que une o festar e o rezar diz respeito a seu caráter coletivo e a sua força revigorante e de atenuação das dificuldades cotidianas. É por meio desse experimentar sensível que homens e mulheres recarregam suas energias para lutar contra os percalços diários. É sempre com muita festa e muita reza que eles desconstroem o peso do fardo da vida e acreditam em dias sempre melhores. É por esse, dentre tantos outros motivos que eles agradecem sempre com festa e com muita oração as bênçãos alcançadas e estreitam seus laços com o lugar recarregando de esperanças o seu caminhar. Os sujeitos passam a experimentar a festa como o lugar onde o aflorar de sentimentos permite extrapolar a racionalidade para um plano de possibilidades subjetivas que os aproximam das suas experiências religiosas mais íntimas, permitindo vivenciar e externar os sentimentos adquiridos dessa aproximação. Então, festejar e celebrar são momentos capazes de unir os indivíduos adensando fé e festa como práticas significativas na vida dos sujeitos. Por meio desse celebrar coletivo, os indivíduos criam símbolos e significados que contribuem para urdir o próprio sentido do viver.

### **O reavivar da religiosidade no interior de Goiás e Minas Gerais**

No interior do Brasil, nas mais distantes comunidades sejam elas rurais ou urbanas, as histórias dos lugares ou de seus moradores são reescritas na tentativa de redesenhar o bordado da vida por meio dos fios da devoção, da memória e dos relembramentos que, ao serem costurados uns aos outros, propiciam o reavivar das mais diversas e peculiares formas de manifestações da religiosidade, atando e desatando os nós da vida dos moradores das comunidades rurais do interior de Goiás e Minas Gerais<sup>1</sup>. Reforçar os laços com o lugar, com a vizinhança é um processo dinâmico que promove

---

<sup>1</sup> Nosso contato com essas pessoas se deu entre os anos de 2008 a 2010 em virtude da realização de uma pesquisa de levantamento do patrimônio histórico-cultural de seis municípios atingidos por uma barragem na região sudeste do estado de Goiás e em parte de Minas Gerais.

---

o cimentar das conexões que ligam as famílias ao lugar, reestabelecendo as relações de proximidade, de ajuda mútua, de partilha que desembocam na realização de muitos festejos devocionais.

Dessa forma, encontramos tanto nas comunidades rurais quanto nas da cidade expressões e práticas culturais que mantém viva essas pertenças com o lugar, com as heranças familiares, atualizando a memória herdada e trazendo a tona, sempre regados por lágrimas e sorrisos os tempos idos, as lembranças dos entes queridos, da infância e da mocidade revividos por meio das celebrações festivas coletivas.

Em determinadas épocas do ano, as dificuldades diárias são atenuadas e irrompe o cotidiano das comunidades ganhando um colorido especial. É comum vermos os quintais ornados por bandeirolas multicoloridas, um grande mastro com bandeira do Santo de devoção erguido na entrada da residência e nas noites frias de junho e julho as comunidades esquentando seus vínculos culturais no calor das fogueiras montadas nos quintais das pequenas propriedades rurais, onde todas as noites entre vivas e louvações, um santo é reverenciado, as pessoas se reencontram, festejam, rezam e compartilham alimentos estreitando suas relações de vizinhança, sua cultura e a sua fé.

É possível perceber a quebra da rotina nas comunidades rurais e nos bairros da cidade quando nas noites de Santo Antônio, São João, São Pedro ou São Sebastião, os sons dos lugares serem tomados pelo da moda de viola, da sanfona ou das rezas em profusão. É marcante o entrelaçamento do sagrado e do profano preenchendo com outras musicalidades o viver nessas comunidades. É sempre no tom da partilha, da parceria e imbuídos de um sentido coletivo, que essas pessoas congraçam a vida oferecendo as louvações através dos terços cantados, das ladainhas entoadas, das orações repetidas em refrão.

Tudo se transforma em festa<sup>2</sup> quando com alegria e fé se comemoram as conquistas e a materialização dos sonhos e desejos em realidade ou se pede por dias melhores. Em cada comemoração se evoca com orações a proteção e a bonança sonorizada pelas muitas vozes que entre um Pai Nosso, uma Ave Maria e uma Salve Rainha suplicam o derramamento de bênçãos. O rezar vem sempre acompanhado do festar. O agradecimento vem envolto da oração, pois quando se tem fé e acredita no poder divino, celebra-se com festa o dom da vida.

---

Os praticantes dessa fé recriam sua religiosidade sempre dando vazão a sua crença com muita entrega e, não há, pelo interior de Goiás, por onde não ecoem as orações, os terços cantados, as Santas Ceias, as vigílias, os rituais de encomendação das almas, a malhação do Judas, as festas juninas, o congado, as folias do Divino, dentre tantas outras e todas regadas a muita fé e diversão, pois antes de qualquer coisa se festeja a vida e se pede por ela.

Num outro compasso dialógico, Machado (2000) constata que a festa inserida dentro do universo ritual religioso constitui-se numa interrupção na lida diária e dias especiais que fogem do trivial, singularizando a renovação de forças para o recomeçar efetivo. Alinhavam a fé e o festar, o calor da oração coletivo e o riso compondo assim, um cenário de esperança por dádivas divinas e pelo reconhecimento das graças recebidas. (MACHADO, 2000, p.56).

A imagem constituída da festa pelos indivíduos se dá mediada por sentidos, dentre os quais o religioso é bastante evidente. Quando ocorre o entrecruzar desses sentidos, temos a intensificação dos laços de sociabilidade e das pertenças fertilizadas a cada reencontro, pois entre salvas e vivas, foguetórios e pedidos silenciosos, as pessoas se felicitam e estreitam seus vínculos comunitários. E, se com “Deus eu me deito e com ele eu me levanto”<sup>3</sup>, não há quem no universo rural ou no urbano não tenha em sua residência, por mais singela que seja, imagens dos santos protetores expostos nas paredes, sobre os móveis, na cabeceira da cama ou ao lado das fotografias dos familiares, reiterando sua pertença religiosa e os pedidos de proteção contínua. E que, movido pela fé, não tenha se (re) encontrado com a festa, tornando-se mais prazerosas as formas de expressão da sua religiosidade.

Se a religiosidade brasileira é tão intensa e diversificada, somente quem a pratica pode explicitar não com palavras, mas com gestos quão importante é viver e ter fé, principalmente para quem acredita que o dom da vida, é *uma graça divina*<sup>4</sup>, como bem nos disse o senhor José da Silva, *Zé Vaqueiro*, residente na fazenda Pires, no município de Catalão, região sudeste do estado de Goiás. Graça divina é também poder agradecer as conquistas e as bênçãos recebidas envolvendo toda a comunidade.

Na narrativa de alguns moradores rurais do sudeste goiano, como é o caso Dona Maria Helena Ferreira, devota de São João Batista, a fé ao santo protetor é recorrente

---

<sup>3</sup> Expressão bastante utilizada pelas pessoas como forma de auto benzimento e proteção.

<sup>4</sup> SILVA, José da. *Depoimento*. Catalão, jan. 2009.

---

durante todo o ano, mas no mês de junho, sua residência, situada na região da Fazenda Pires, se abre para conjugar o verbo louvar no coletivo, já que as comemorações juninas em homenagem ao santo de sua devoção acontecem em seu quintal que passa a ser extensão de toda a comunidade. Diante de grande carga emotiva ela nos confidenciou que homenagear o santo é:

[...] uma satisfação muito, muito grande, porque eu tenho muita fé nele e tudo que peço, ele me atende, graças a Deus! [...] São João é meu santo protetor! [...] É ele quem nos protege e nos ajuda a superar as perdas e dificuldades de nossa vida sofrida (FERREIRA, jan. 2009).

A nossa narradora deixou escapar que sua relação devocional com São João Batista é intensa. E, de posse da bandeira do Santo - símbolo que materializa a fé -, nos disse:

Essa fé a São João Batista vem de família [...] Ela acompanha minha família e me acompanhará até o fim de minha vida, e eu tenho passado isso para os meus filhos e espero que eles sigam a minha devoção a São João, porque eu sempre passei isso para eles! (FERREIRA, jan. 2009).

São essas relações de intimidade com o campo devocional que permitem a atualização dessa religiosidade, tendo na transmissão familiar o elo tonificante que une as pessoas às suas crenças e à comunidade, sendo que são os saberes e fazeres locais que dão sentido à festa como herança transmitida e mantida pela oralidade, recriando-se e reinventando-se a cada ano, mantendo acesa a tradição das comemorações mesmo que cada comunidade estabeleça o seu modo peculiar de viver o tempo da festa e da fé.

Dentro desse universo dinâmico, as heranças do catolicismo rural se presentificam lado a lado com outras formas de religiosidade, já que a relação entre fé e festa sempre acontece, seja nas práticas católicas, protestantes ou outras, pois em cada fé professada os pedidos de súplica e proteção acontecem mediados sempre pelo tom da oração e pelas distintas formas de agradecimento utilizadas. Nesse contexto, nas comunidades rurais do sudeste goiano são vários os momentos de reencontro com a religiosidade popular. São nos dias da Santa ceia, sempre no primeiro domingo de cada mês que as igrejas evangélicas abrem suas portas para receberem seus membros e, muitos aproveitam desse momento para reverem os amigos, os parentes estreitando também os laços familiares e com a vizinhança.

Essas pessoas, na sua simplicidade, demonstram muita intimidade com o

---

sagrado, tendo a proteção divina como uma certeza. Elas sabem que para cada obstáculo diário existem muitas formas de amenizá-lo ou resolvê-lo quando se acredita e se tem fé.

No sudeste de Goiás a cultura afro-brasileira também se faz presente ditando o tom de muitas comemorações festivo-devocionais. Em Catalão-GO, uma das expressivas festas de santo padroeiro é a de Nossa Senhora do Rosário. Esta comemoração centenária se refaz a cada ano e a sua realização, faz com que muitas famílias, moradoras das comunidades rurais, extrapolem a rotina do trabalho para se dedicar à festa, deslocando-se do campo para festejar na cidade, participando das missas campais e procissões, prestigiando o Congado que com batuques e louvações coletivas veneram a “Mamãe do Rosário” e revivem sua ancestralidade.

As congadas<sup>5</sup> banham de um multicolorido alegre e envolvente as ruas da cidade durante os diversos momentos de homenagens à padroeira local – Nossa Senhora do Rosário. O batuque das caixas dos ternos<sup>6</sup> do Congado ecoa por Catalão avisando que ela está em festa e sob a proteção da Santa do Rosário, reforçando o convite para que as vozes da ancestralidade comunguem com a população a sua religiosidade e cultura local.

É inegável então, conforme a caminhada aqui projetada não atribuir à festa um estatuto próprio ancorado a sua forma de presentificação na cultura dos grupos sociais, já que nessa trajetória, as festas populares foram assumindo representações rituais do catolicismo popular, das práticas dos próprios sujeitos e se consolidando em romarias, peregrinações dentre outros tipos de efervescência religiosa popular. Todas inseridas em um universo híbrido e cotidianamente multifacetado. E hoje, as festas populares apresentam toda uma dinamicidade própria, muitas vezes mantida, atualizada e (re) atualizada pela força da oralidade como mediadora de tantas transformações significativas na manutenção dos múltiplos sentidos que envolvem a palavra festa na vida dos brasileiros. Sendo assim, “a festa não se reduz aos registros e aos restos que ela deixa” (CERTEAU, 2001, p.243).

As práticas culturais desenvolvidas no contexto popular são vivas e repletas de

---

<sup>5</sup> Reunião de dançadores para louvar com música e dança os santos de devoção negra. Em Catalão, os cultuados são: São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Cf. KATRIB, 2004, 2009.

<sup>6</sup> Terno é o termo utilizado em Goiás para designar o grupo de dançadores que se reúne para louvar a santa de devoção. Em Catalão os ternos se dividem em Moçambiques, Congos, Marinheiros, Catupés, Vilões e Penacho.



---

significados que nos dão a possibilidade de compreendê-la interligadas a vida dos atores sociais, dos grupos que representam e como interlocutora de historicidades diversas. Historicidades essas presentes na própria formatação dos lugares onde as comemorações devocionais acontecem. Em Catalão, Goiás, os festejos do Rosário expressam muito bem essa interligação de sentidos e significados. O acerto de contas com o divino não é um ato penoso, pois tudo se move com muita dança e outras ofertas o que estreita os laços de intimidade entre os homens e sua fé. Essa intimidade pode ser presenciada na reza do terço sempre rezado repetidas vezes.

A oração é, nessa lógica, a linguagem mais utilizada pelo devoto para se aproximar do divino. É pela reza que os devotos estabelecem com o sobrenatural uma locução própria, que também pode se efetivar através de outro tipo de representação, mas que em ambos os casos “consiste numa viagem à memória individual e coletiva; por isso, as revelações desse deslocamento contribuem para que ele vislumbre com mais amplitude o seu estar – no – mundo” (PEREIRA, 2005, p.21).

Entretanto, é visível que a reza do terço se realiza em qualquer lugar com ou sem a presença do clérigo. Por isso a Igreja, durante os festejos, procura reunir os fiéis em torno dessa prática, reforçando com as missas celebradas os preceitos católicos apostólicos romanos. As missas celebradas na capela do Rosário durante a festa seguem a liturgia normal das demais realizadas dentro da programação católica habitual. É nas missas campais que um número bastante expressivo de fiéis se faz presente. Essas celebrações são organizadas, supervisionadas, comandadas pela igreja por meio dos ministros da eucaristia, padres e madres da paróquia da qual a igreja do Rosário faz parte.

Os devotos preferem participar das celebrações dos últimos três dias de festa que apresentam como ápice: as missas campais do levantamento do Mastro, a missa das Congadas no domingo pela manhã e a missa campal do domingo à noite, chamada de missa dos romeiros. Nos intervalos dessas comemorações, as rezas e a festa se mesclam pelos quintais dos quartéis-generais<sup>22</sup>. Altares são armados e ornados com flores e fitas, abençoando este espaço, fazendo dele um lugar sagrado. São no ir e vir entre os espaços sagrados oficiais e não-oficiais que grande quantidade de devotos e pagadores de promessas se reúnem exercitando a sua fé, quitando ou contraindo dívidas com o divino.

---

<sup>22</sup> Definição dada à sede e/ou ao local de ensaio do terno que, geralmente, é também a casa do capitão.

---

Os cortejos são momentos de expressão da religiosidade popular e são acompanhados por todos os ternos do Congado, fiéis, curiosos e pagadores de promessas que, em silêncio, se misturam reverenciando Nossa Senhora do Rosário, com orações e cânticos de louvor comandados de um carro de som pelos representantes da igreja.

O trajeto da procissão que antecede a missa dos romeiros sai da porta da Igreja do Rosário e percorre algumas ruas do centro da cidade, formando um grande círculo humano que se assemelha a um rosário. Nesse trajeto os devotos iluminam o caminho com velas expostas em lamparinas de papel colorido ao som dos cânticos da liturgia católica e para “pagar” suas promessas caminham descalços, vestidos de anjo, carregando fotografias ou objetos que simbolizam a graça recebida. O interessante de se ressaltar nessa expressão sagrada é o número significativo de pessoas que participam do préstito. Enquanto a procissão retorna à igreja, por já ter percorrido todo o trajeto proposto, pessoas ainda estão saindo do local de início da procissão e, assim, fazem das ruas por onde passam um lugar sagrado de expressão de sua fé e devoção.

Mesmo que este evento pareça demarcar o controle da Igreja sobre as celebrações, muitas das pessoas que ali se encontram são consideradas católicas não praticantes, mas naquele instante, externalizam ali a sua fé e sua religiosidade. Já em outros dias, são evidenciadas sem a necessidade de participarem ativamente das atividades religiosas das igrejas locais.

Seguindo essa lógica é comum ver as pessoas armarem altares na porta ou nas calçadas de suas residências por onde o cortejo passa como forma de agradecer por uma benção recebida ou como forma de veneração à Santa de sua devoção, funcionando como um marco de fé e de expressão de sua religiosidade mais latente.

Todas as expressões de fé e religiosidade contidas no espaço sagrado da Festa, que compreende os rituais de adoração à Virgem do Rosário e outras solenidades litúrgicas, servem aos fiéis como momentos para externarem as graças recebidas e para realizarem novos pedidos, na esperança de, no próximo ano, estarem ali para agradecer. E mesmo que a Igreja não demonstre aceitar todas essas expressões de fé e de devoção, acaba não intervindo na sua concretização.

Existem ainda outras formas de agradecimento pelas graças recebidas, como oferecer lanches, almoços, ingredientes, trabalho físico, a própria residência, obras de arte, dinheiro. Não existe um modelo que determina tal acerto de contas com o sagrado,

porém muitos utilizam o Congado para sanar tais dívidas, que podem ser quitadas naquele ano ou perdurar por várias décadas, sendo assumidas por toda a família que insiste em cumprir a promessa feita. Essa troca se insere dentro daquilo que Brandão (2001) chama de principio de reciprocidade ancorado no tripé de obrigações que perpassam o dar, o receber e o retribuir. Essa aliança firmada entre o devoto com o sagrado mantém acesa a sua religiosidade e sua inserção na lógica festiva. Por outro lado, a caminhada de um grupo de dançadores pelas ruas da cidade fazendo suas visitas, como bem esclarece Brandão (2001, p.18), a rua à casa, (re) ligando com essa prática as polaridades que existem não apenas entre a casa e a rua, mas entre o sagrado e o profano, a devoção e a diversão.

Nesse acerto de contas com o divino, nem sempre o método escolhido é o mais fácil, pois muitos preferem quitar suas dívidas por meio de sacrifícios, que acabam sendo uma forma de agradecer à Santa as graças recebidas. A senhora Shirley Gomes de Oliveira, funcionária pública estadual, pedagoga, 42 anos, teve problemas na gravidez e optou pagar a sua dívida com a Santa, caminhando descalça pelas ruas da cidade, acompanhando a procissão do domingo à noite. Ela nos explica os seus motivos:

Eu tive uma gravidez muito difícil, correndo o risco de até ter um aborto. Como a única coisa que podia fazer era rezar, fui pedir a Nossa Senhora do Rosário proteção. Aí, eu fiz meus pedidos a ela que se meu filho fosse gerado com saúde e que se o meu parto desse certo (respira fundo) porque o médico me disse que corria risco de eclampse (lágrimas se formam nos olhos da depoente) eu ia vestir ele de dançador do terno vilão e no outro ano no catupé, isso no primeiro ano de vida dele! E nós dois (reforça); nós dois íamos acompanhar também a procissão descalços. (OLIVEIRA, 1994).

No ano de 2004, novamente encontrei mãe e filho, juntos, acompanhando a procissão. Dirigi-me até eles e perguntei:

— Pagando a promessa? A mãe respondeu:

Sim (sorri). Estamos aqui mais um ano pra agradecer pela vida de meu filho que hoje está com doze anos. Ele cumpriu a promessa e dançou por mais de cinco anos num terno e hoje ele não dança mais, mas está aqui, junto comigo, cumprindo a promessa que fiz, porque ele sabe que ele só está aqui hoje pela vontade de Deus e de Nossa Senhora do Rosário (olha para o céu e ergue as mãos). (OLIVEIRA, 2004).

---

Outra participante, dona Maria da Luz, do lar, 59 anos, que acompanhava a procissão em 2001, mostra outros sentidos para sua devoção, além de acertar uma dívida com a Santa:

Um momento de muita emoção e agradecimento! (confirma balançando a cabeça). Essa emoção é muito forte, sempre! (sorri). Só quem sabe o que é ter fé, que sente o que eu sinto agora (respira fundo). Todo ano é a mesma coisa, uma emoção imensa me invade; uma fé muito grande. Todo ano (pausa); a festa inteira! Não tem jeito, eu me emociono sempre. Parece que eu sinto a mão de Nossa Senhora jogando seu manto sagrado sobre nós que estamos aqui. (cala-se e depois de alguns minutos reinicia sua fala). Eu “tô” aqui também por causa da cura do meu filho de uma bronquite. Ele sofria crises fortes, graças a Deus tem muitos anos, desde que eu fiz a promessa que ele não dá mais essas crises. Então eu resolvi pagar pela benção alcançada já que tem muito tempo que fomos abençoados por Nossa Senhora e agora nós estamos aqui, eu e ele, cumprindo nossa promessa e pagando nossa dívida com a Santa. (LUZ, 2001).

Portanto, é nítida em toda a comemoração a efusão do sagrado por meio das diversas expressões de religiosidade dos fiéis, e assim a Festa reconstrói ano a ano seu diálogo com o divino. Nas comemorações em Catalão, nota-se que os devotos pouco expressam com palavras os significados ou a simbologia que momentos devocionais representam, mas conseguem transmitir com gestos e olhares o que sentem e pensam representar esses momentos. Acoplado ao rezar temos as muitas formas de efusão do festar que acontece concomitante à realização das práticas religiosas.

Na festa (re)vive e se partilha as relações de amizade, as memórias e as histórias de muitos sujeitos. É perceptível o quão importante ela é na medida em que produz sentidos que permitem concretizar os processos de sociabilidade. As múltiplas linguagens que polvilham o festar e o rezar, independentemente da forma como se materializam, são representações coletivas construídas e reconstruídas pelos sujeitos sociais tendo o seu grande aporte nas vivências desses indivíduos.

Nesse sentido, a religiosidade ancorada na devoção e na festa movimentam linguagens próprias de interlocução com a ancestralidade, com as práticas e saberes herdados dos grupos sociais e expressam seus sentimentos por meio de uma memória mediadora desse processo de recriação histórica. Neste viés, a festa ao mesmo tempo em que é uma fonte que liga os seus praticantes as suas raízes ancestrais, os faz interagir com a cultura do outro, um passado e presente, transforma sua relação com o religioso

---

com sua cultura, resguarda em gestos e falas os sentimentos dos praticantes e redimensiona a reconstrução dos sentidos vividos e o próprio espaço de integração coletiva dos indivíduos.

É operante dizer que nesses espaços de efusão dessas práticas culturais, no interior de Goiás, considerados como lugares vividos, imprimem suas marcas, deixando-as fluírem como dissonâncias das impressões cotidianas, materializando sonhos em realidade e recompondo os sentidos do rezar e do festar em suas vidas. Por isso, o espaço de materialização dessas práticas culturais ao se edificarem em locais híbridos podem revelar diversos sentidos que vão além do religioso ou do festivo.

Portanto, o festar e o rezar no sudeste goiano ocorre num contexto de efusão de sensibilidades, os quais têm propiciado o desvelar de muitas histórias. A maioria perdida pelos vãos da memória. Histórias escritas por muitas vozes - sejam elas definidoras da multiplicidade étnico-cultural ou das simbologias envolvendo a prática da devoção a vários santos ou ainda, por meio de formas e gestos condutores de narrativas inseridas num universo mítico em que a prática festiva ancestral, a fé, a devoção e a festa atribuem novos contornos para as comemorações e ao próprio município. É assim que se celebra a vida no sudeste goiano, com muita fé e muita festa!

## Referências

- ABREU, M. Religiosidade Popular, problemas e História. In: LIMA, L. L. da G. Et. al. (orgs). *História & Religião*. Rio de Janeiro: Faperj: MAUAD, 2002. P. 81-90.
- AMARAL, Rita. *Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”*. 1998. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998
- BRANDÃO, C. R. *A cultura na rua*. 2 ed.,Campinas: Papirus, 2001.
- CERTEAU, M. de. *A Invenção do cotidiano – Artes do Fazer*. Tomo 1 e 2, 6 ed., Petrópolis: Vozes,2001.
- DELGADO, L de A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: autêntica, 2006.
- GOMES, N. P. de M.; PEREIRA, E de A. *Flor do Não Esquecimento: cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- HALL, S. Identidade cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional* n° 24, 1996. p.68-75

---

KATRIB, C. M. I. *Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário (1936- 2003)*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

KATRIB, C. M. I. *Foi assim que me contaram: Recriação dos sentidos do sagrado e do profano do Congado na festa de N. Sr.<sup>a</sup> do Rosário (Catalão- 1940-2003)*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009.

MACHADO, M. C. T. Religiosidade no Cotidiano popular Mineiro: Crenças e Festas como Linguagens Subversivas. *História & Perspectiva*. Uberlândia, n.º. 22, jan/jun., 2000.

PASSOS, M. (Org.). *Festa na vida: imagens e significados*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, L. F. Antropologia das efervescências coletivas. In: PASSOS, Mauro. *Festa na vida: Imagens e Significados*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 15-58.

PRIORI, M. D. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Recebido em 26/11/2012

Aprovado em 20/12/2012